

ALTA RESISTÊNCIA A PENICILINAS EM UROPATÓGENOS ISOLADOS DE PACIENTES AMBULATORIAIS

Günter Davi Martin Stricker¹, Bernardo Mattiello Cazella²

1. Discente do curso de graduação em Farmácia, Unoesc, Joaçaba, SC
2. Docente da Área das Ciências da Vida e Saúde, Unoesc, Joaçaba, SC

Autor correspondente: Günter Davi Martin Stricker, guintermartinstricker@gmail.com

Área: Ciências da Vida e Saúde

Introdução: As penicilinas representam uma das classes de antimicrobianos mais antigas e amplamente utilizadas, atuando na síntese da parede bacteriana. Apesar da diversidade de subclasses (naturais, aminopenicilinas, resistentes às β -lactamases, carboxi e ureidopenicilinas) a resistência bacteriana limitou severamente sua eficácia clínica, especialmente no manejo de infecções urinárias (ITU). No contexto ambulatorial, onde *Escherichia coli*, *Klebsiella pneumoniae* e *Proteus mirabilis* predominam como agentes etiológicos, o aumento da produção de β -lactamases e outros mecanismos de resistência compromete o uso empírico dessas drogas. **Objetivo:** Avaliar os padrões de resistência às diferentes subclasses de penicilinas em uropatógenos isolados de uroculturas positivas de pacientes ambulatoriais. **Método:** Estudo retrospectivo, transversal, com base em 20.011 indivíduos submetidos à urocultura entre 2013 e 2022 em laboratório clínico de médio porte do Oeste de Santa Catarina. As amostras foram processadas segundo normas padronizadas, e os isolados bacterianos identificados por testes bioquímicos. A suscetibilidade antimicrobiana foi determinada pelo método de disco-difusão em ágar e interpretada segundo critérios BrCAST. Foram analisadas as taxas de resistência às subclasses de penicilinas, com destaque para aminopenicilinas (ampicilina, amoxicilina) e penicilinas resistentes às β -lactamases. **Resultados:** Das 3.771 uroculturas positivas, *E. coli* foi o microrganismo mais frequente (64,5%), seguido por *K. pneumoniae* (14,2%) e *P. mirabilis* (7,1%). A resistência às aminopenicilinas foi marcante: em *E. coli*, 72% dos isolados apresentaram resistência à ampicilina; em *K. pneumoniae*, a resistência superou 85%. Em *Proteus mirabilis*, aproximadamente 60% das cepas mostraram resistência. Quanto às penicilinas naturais e resistentes às β -lactamases, observou-se atividade restrita a cocos Gram positivos, sendo irrelevantes contra Enterobacteriaceae. Carboxipenicilinas e ureidopenicilinas, embora possuam espectro expandido contra Gram negativos, não fazem parte da prática de rotina ambulatorial e, portanto, não foram testadas no banco de dados. **Conclusão:** Os resultados evidenciam uma elevada resistência às aminopenicilinas entre os uropatógenos isolados, comprometendo a utilidade dessas drogas como tratamento empírico das ITUs em ambiente ambulatorial. Penicilinas naturais e resistentes a β -lactamases não apresentaram papel clínico relevante contra Gram negativos urinários, e as demais subclasses já foram substituídas por terapias mais eficazes. Esses achados reforçam a necessidade de revisar protocolos terapêuticos locais, privilegiando antimicrobianos com taxas de sensibilidade mais elevadas, como nitrofurantoína e fosfomicina, além da adoção de políticas de stewardship para frear a disseminação da resistência.

Palavras-chave: Infecções do Trato Urinário; Enterobacteriaceae; Penicilinas; Resistência Microbiana a Medicamentos..